

Projetos para Brasília: mas afinal, o que importa quem escreve?

Paola Berenstein Jacques, Ana Paula Koury

A modalidade Livro Autoral da edição de 2016 do prêmio ANPARQ revelou um conjunto de autores, com posições muito diferentes, que produziram obras de reconhecida qualidade entre seus pares. Pode-se notar, a partir dos livros inscritos para o prêmio, uma grande diversidade em relação aos temas tratados – o que confirma a importância dos programas de pós graduação e do sistema de financiamento à pesquisa no Brasil para a formação de um debate brasileiro na área de Arquitetura e Urbanismo – mas também uma grande diversidade de discursos que se diferenciavam exatamente no que Michel Foucault chamou de “função autor”.

O questionamento de Foucault sobre a “função autor” foi apresentado em debate realizado em 1969 na *Société Française de Philosophie*. A provocação inicial era deslocar a investigação mais comum sobre o apagamento do autor na escrita científica e também acadêmica para, ao contrário, identificar como esta função autoral é exercida. O que decorre da relação que se estabelece entre o autor e seu texto?

Foucault identifica quatro características básicas da “função autor”: a primeira delas é a sua relação com o sistema jurídico e institucional que estabelece os direitos e as responsabilidades da relação entre o autor e a sua obra; a segunda é a não universalidade desta relação, isto é existem muitas formas de se ocupar o lugar do autor e elas dependem, entre outras coisas, do tipo de narrativa; a terceira é que esta “função autor” não é espontânea, mas é construída por um complexo sistema que define a razão do discurso, e que permite a ele resolver um conjunto de problemas; e a quarta característica é que o autor não corresponde a um indivíduo real mas à uma posição-sujeito na narrativa e que pode ser ocupada por diferentes indivíduos.

Entre esta produção diversa e qualificada do Prêmio ANPARQ 2016, o livro de Jeferson Tavares, *Projetos para Brasília 1927-1957* foi escolhido como primeiro prêmio, e o foi justamente pela forma instigante que o pesquisador exerceu esta “função autor”. Foi exatamente esta posição que permitiu a produção de um material inovador sobre Brasília, um tema já estudado e tratado na história da arquitetura e do urbanismo

no Brasil. Apesar do livro trazer dados novos, o mérito neste caso não encontra-se na novidade do tema, mas na posição do autor em relação ao debate sobre ele, em sua postura institucional e na generosidade documental da publicação.

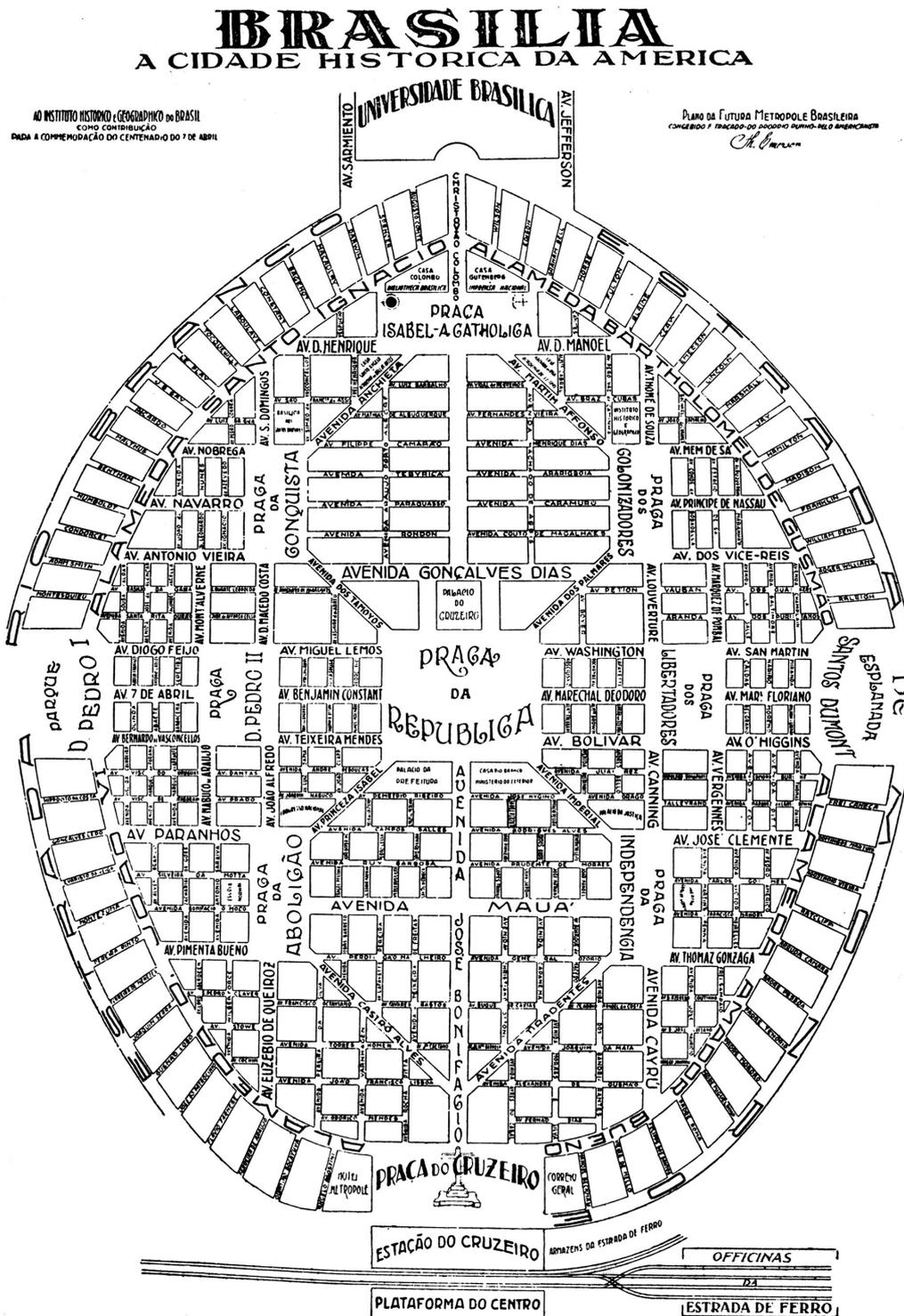


Figura 1
Theodoro Figueira de Almeida, 1929
Fonte: imagem retirada do livro

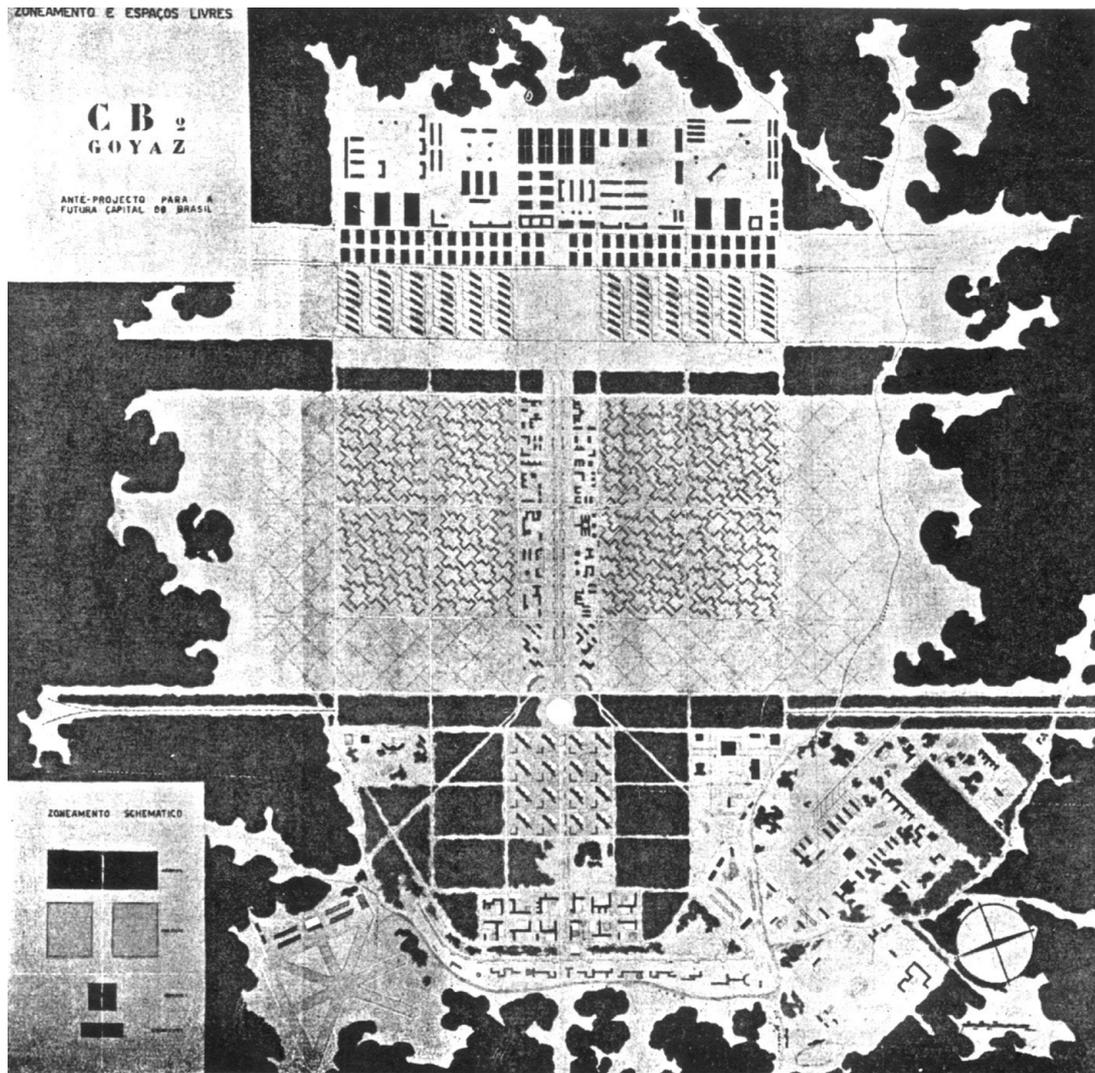


Figura 2
Carmem Portinho, 1936
Fonte: imagem retirada do livro

O livro apresenta uma pesquisa de documentos primários e entrevistas ampla e detalhada sobre os projetos para Brasília em um recorte temporal extenso – de 1927 a 1957 – reunindo tanto as propostas dos projetos que concorreram com a proposta vencedora de Lúcio Costa, quanto as propostas anteriores. O conjunto apresentado pelo autor procura reconstituir tanto o debate urbanístico quanto suas distintas condições de possibilidades – históricas, sociais, políticas – a partir das quais a ideação da nova capital do país pode emergir. A publicação do material de pesquisa, em boa parte inédito, apresenta elementos interessantes para o debate sobre a historiografia de Brasília e sobre a circulação de ideias do pensamento urbanístico no Brasil, constituindo-se assim um trabalho de referência para o estudo do tema.

Tavares apresenta grande rigor no tratamento das fontes primárias permitindo que a ampla e detalhada pesquisa, objeto do livro, apresente-se ao leitor com clareza. A precisão da exposição de documentos variados, de fontes diversas, possibilitam leituras e interpretações distintas da narrativa proposta por ele. Tavares não encerra portanto seu objeto de pesquisa em suas próprias crenças e juízos pessoais, mas ao contrário disso, tensiona sutilmente, através da exposição dos próprios documentos estudados, o amplo conjunto de narrativas possíveis sobre o tema.



Figura 3

Visita dos Arquitetos Paulistas ao Planalto Central -foto de J. W. Toscano, 1956

Fonte: imagem retirada do livro

O livro foi estruturado em três partes, a introdução sobre a idealização de cidades novas e especificamente sobre Brasília. A parte 2 apresenta o material documental, uma das grandes contribuições do livro. Ao todo foram identificados 32 projetos, 25 deles foram analisados, são eles os 19 projetos referentes ao concurso para o plano piloto da nova capital e 6 projetos anteriores à ele. A terceira parte do livro integra o conjunto de dados e fontes da pesquisa. Destaca-se ainda uma pesquisa bibliográfica ampla e atualizada que demonstra mais uma vez um autor em diálogo com seus pares.

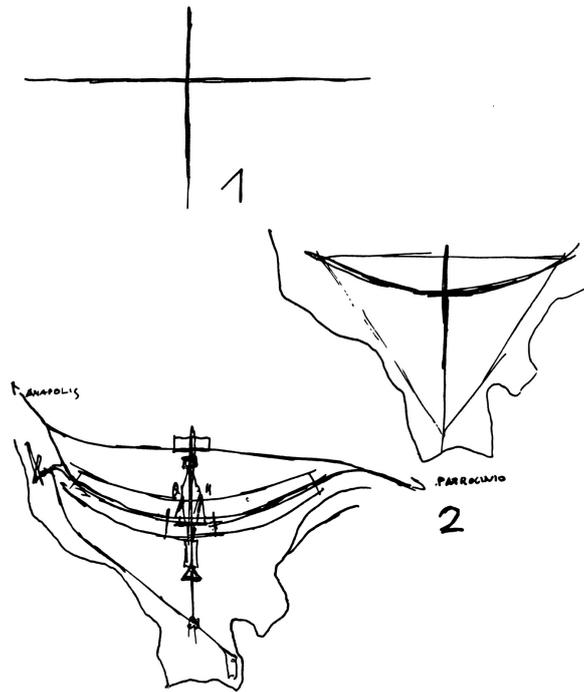


Figura 4
Esquema de Lucio Costa, 1957
Fonte: imagem retirada do livro

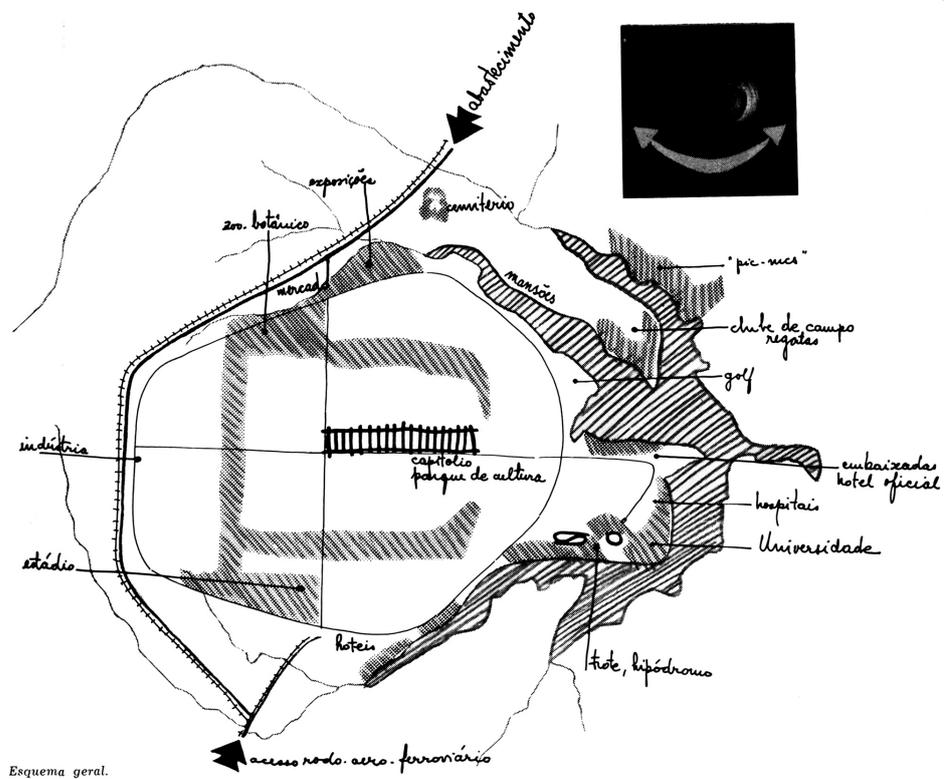


Figura 5
Croqui de J. Wilhelm, 1957
Fonte: imagem retirada do livro

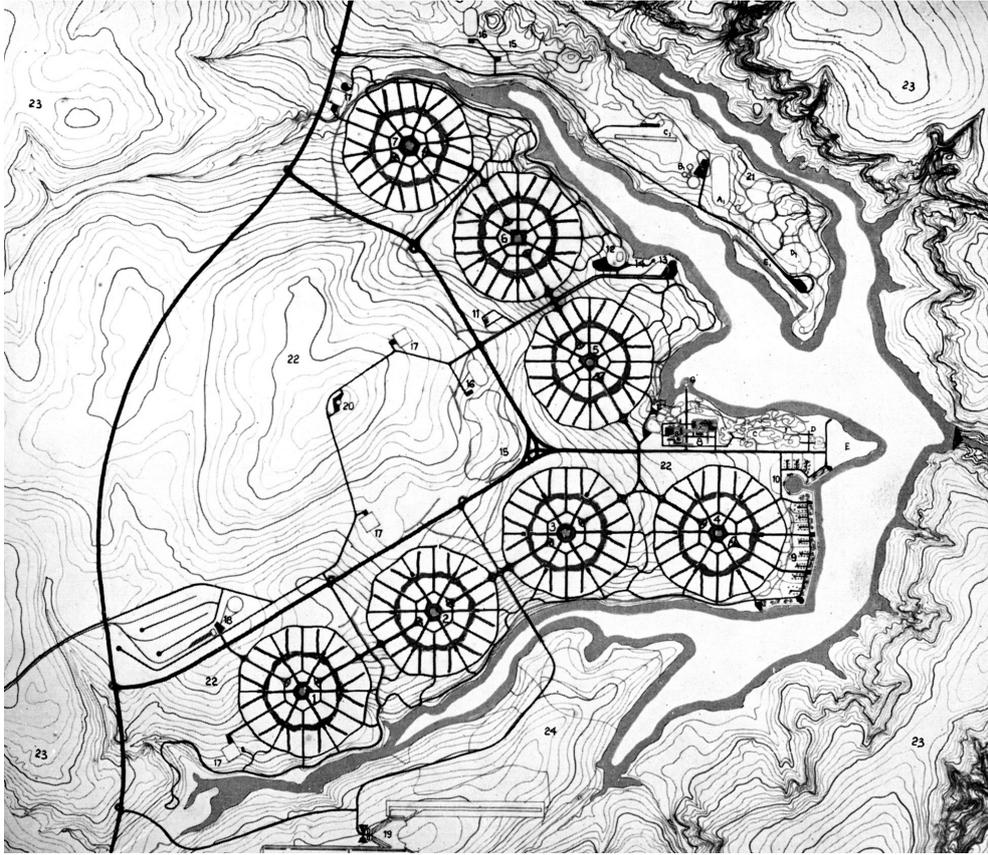


Figura 6
Projeto dos Irmãos Roberto, 1957
Fonte: imagem retirada do livro

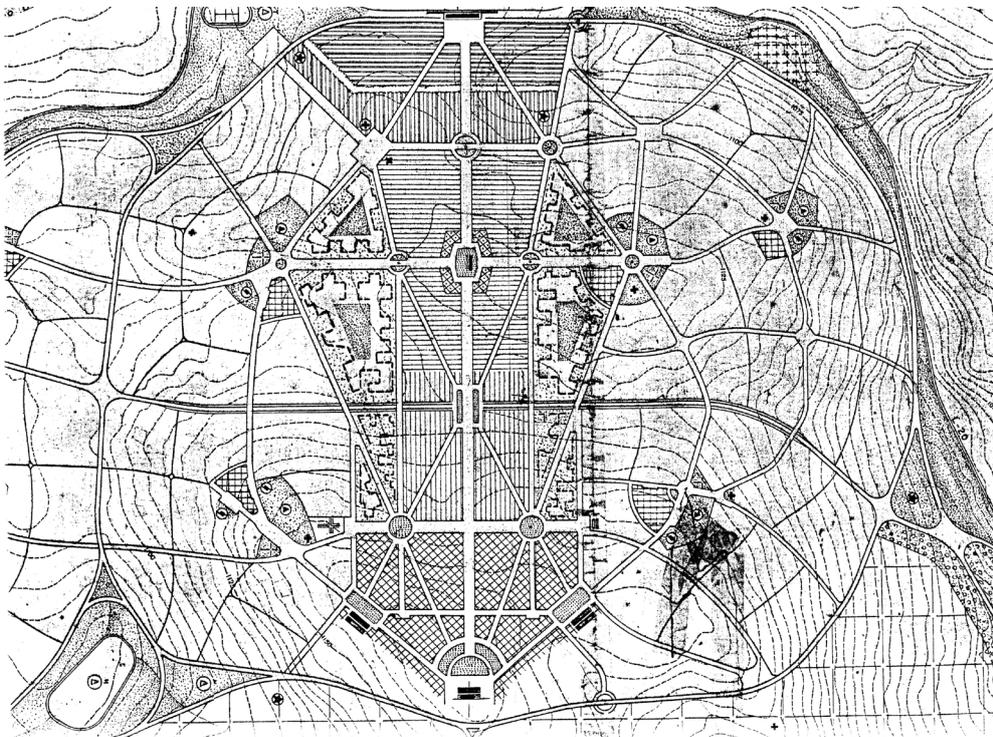


Figura 7
Detalhe do Projeto de José T. Sabeo Ribeiro, 1957
Fonte: imagem retirada do livro

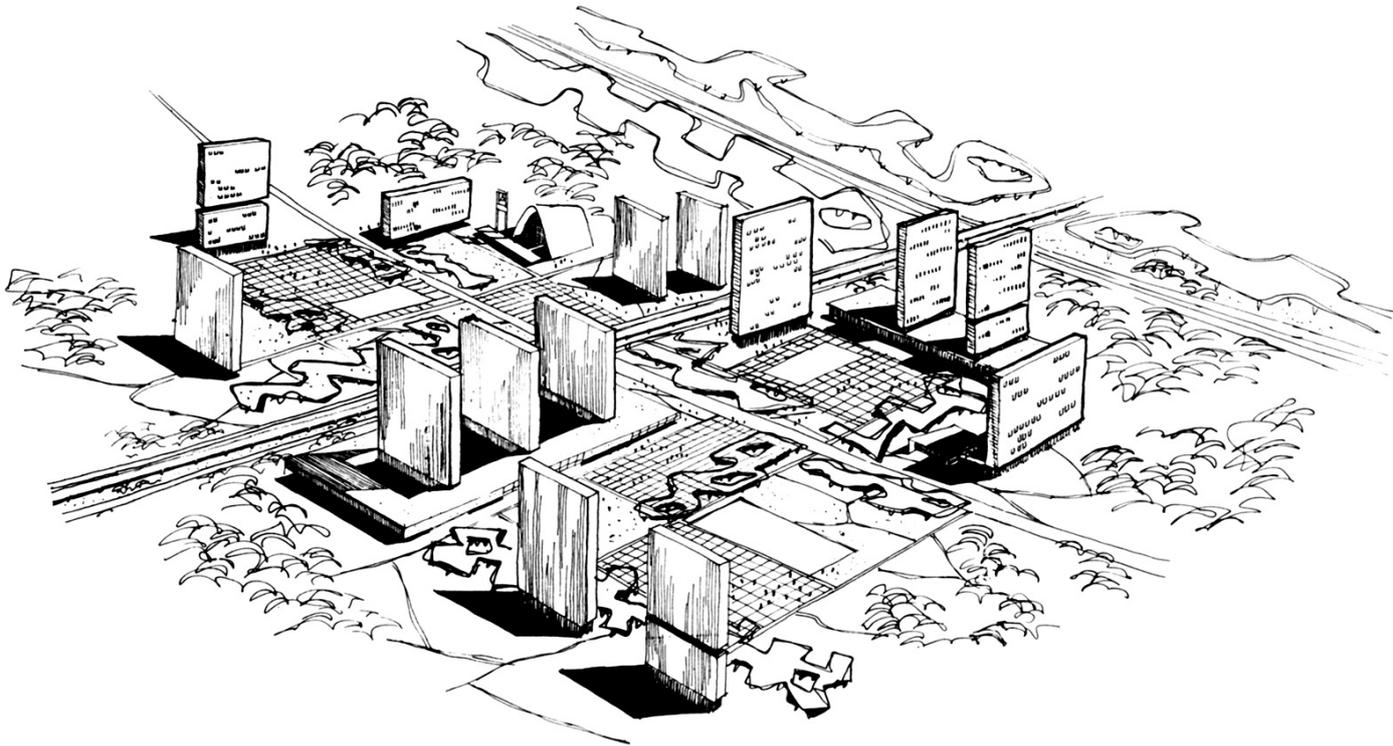


Figura 7
Detalhe do Projeto de Mindlin e Palanti, 1957
Fonte: imagem retirada do livro

Tavares procurou uma posição autoral singular em relação ao tema que abordou: situou-se com sabedoria entre o apagamento característico de uma escrita científica e o narrador que marca a sua posição crítica ao debate já em andamento. Construiu arduamente uma base material de análise através de acurada pesquisa documental, ela mesma a razão de seu discurso. Além de colocar novas questões sobre o tema, conseguiu responder à um conjunto de outras, muitas delas que estão inclusive além daquelas formuladas pelo próprio autor. Tavares ocupou assim uma posição autoral com um tipo de discursividade não auto-centrada na qual pode-se identificar também o seu lugar de fala e de debate intelectual, o Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos onde o trabalho foi gerado como dissertação de mestrado (defendida em 2004).

O livro que nos traz essa incrível série de propostas urbanísticas experimentais para a capital do país, ao ser publicado agora pelo IPHAN, poderia ter aproveitado a ocasião para tensionar também – além do seu caráter experimental de grande laboratório de teorias urbanísticas modernas – o caráter patrimonial de Brasília, como sabemos “preservada” desde antes sua

inauguração (Lei Santiago Dantas, de 1960), em seguida tombada como patrimônio histórico pelo IPHAN e reconhecida pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade. Para tal, o autor precisaria aumentar seu recorte até 1960. Não parece anódino que o vencedor do Concurso para o Plano Piloto da Nova Capital, Lúcio Costa, estivesse no momento da elaboração de sua proposta e também de sua construção e da inauguração de Brasília vinculado ao SPHAN (desde sua criação, de 1937 até 1972).

Na comemoração dos 50 anos da inauguração da cidade autores críticos, como o antropólogo James Holston que escreveu *A cidade modernista, uma crítica de Brasília e sua utopia* (publicado em português em 1993 e reeditado no cinquentenário da cidade em 2010) clamaram pela liberação do “Espírito de Brasília”, considerado emprisionado de seu caráter experimental, pelo excesso de zelo patrimonial. Projetos para Brasília poderia ter enfrentado as primeiras críticas ao projeto vencedor, em particular o rico debate ocorrido no Congresso Internacional de Críticos de Arte de 1959, na cidade ainda em obras. Ou ainda referir-se as condições dos canteiros de obras durante a construção da capital e as condições de habitação dos inúmeros candangos anônimos que construíram a capital federal. Essas questões são críticas que devem ser feitas, mas é bom que se diga, as críticas não reduzem as obras, mas engrandecem o debate e a historiografia nacional.